



Educar com sabedoria e amor: lançando sementes de fraternidade

Educate with wisdom and love:
laying brotherhood seeds

*Nilo Agostini, OFM**

FACASC

Recebido em: 30/09/2021. Aceito em: 26/10/2021.

Resumo: *O presente estudo investiga o tema da educação privilegiando o texto da Campanha da Fraternidade de 2022, publicado pela CNBB, bem como coteja outros autores sobre o assunto. Dedicada a primeira parte ao texto da CF-2022, destacando o tema e o lema escolhidos, bem como indicando o caminho pedagógico apresentado, baseado no “escutar”, “discernir” e “agir”, apresentado como um retrato da pedagogia de Jesus, o educador por excelência. Na segunda parte, detém-se na educação enquanto desenvolvimento ético-crítico. Destaca o papel da educação enquanto promotora de sujeitos de transformação pelo caminho da ética e pelo despertar crítico. De modo transversal, subjaz uma visão integral do ser humano, que permeia todo o itinerário pedagógico.*

Palavras-chave: *Educação. Fraternidade. Integral.*

Abstract: *This study investigates the theme of education, focusing on the text of the 2022 Fraternity Campaign [CF-2022], published by the CNBB, as well as comparing other authors about the subject. Dedicates the first part to the text of the CF-2022, highlighting the chosen theme and motto, as well as indicating the pedagogical path presented, based on “listening”, “discerning” and “acting”, presented as a portrait of Jesus’ pedagogy, the educator par excellence. In the second part, it is focused on education as an ethical-critical development. It*

* Pós-doutor em Educação (Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com estágio na Escola de Altos Estudos de Paris, 2018). Doutor em Teologia (Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França, 1989). Mestre em Teologia (Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg II, França, 1986). Bacharel em Teologia (Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP, 2008, por aproveitamento do curso livre de Teologia do Instituto Filosófico-Teológico Franciscano, Petrópolis, RJ, 1983). Foi professor, entre outras, em instituições como o Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, a PUC-Rio, a USF com sede em Bragança Paulista. Hoje, é professor colaborador da FACASC.

E-mail: nilo.agostini@gmail.com.



highlights the role of education as a promoter of subjects of transformation through the path of ethics and critical awakening. Transversally, it underlies an integral vision of the human being, which permeates the entire pedagogical itinerary.

Keywords: *Education. Fraternity. Integral.*

Introdução

Um olhar atento para as ações e as palavras de Jesus descortina um caminhar educativo realizado com sabedoria e amor, lançando sementes de fraternidade. Jesus, o grande educador, nos inspira a assumir a pessoa na sua integralidade, num processo de humanização, promovendo relações de proximidade, justiça e paz. Enquanto educação humanizadora, é fermento de fraternidade e nos interpela a uma formação integral das pessoas, de forma integrada e aberta, conscientes do cuidado da casa comum.

O texto da Campanha da Fraternidade de 2022 (CF-2022), compreendendo o educar como “um ato eminentemente humano”¹, abre-nos igualmente à compreensão do educar como uma ação divina que se realiza no cotidiano das pessoas, em meio à história humana. Convidamos a sermos discípulos da Palavra, atentos ao modo de Jesus educar. Desperta-nos igualmente para o escutar, tão fundamental na comunicação que não se reduz a informações, nem a meros expectadores. Leva-nos a discernir iluminados pelos critérios da Fé que emanam da Palavra bíblica, da Tradição e do Magistério da Igreja, apontando para a força do amor; deste emana uma sabedoria que nos leva a agir instaurando a fraternidade.

Em consonância com o texto da CF-2022, desenvolvemos igualmente o aspecto integral da educação, constituindo-se num traço transversal na compreensão cristã atual. Esta compreensão integral requer outrossim o desenvolvimento ético-crítico como parte indispensável do processo educativo; estamos educando sujeitos conscientes e ativos, capazes de discernimento e de tomadas de posição em vista das transformações que se fazem necessárias e mesmo urgentes em nossa sociedade.

1 A Campanha da Fraternidade de 2022

Sempre lançada na Quaresma, a Campanha da Fraternidade é promovida pela CNBB desde 1964 como “um dos modos de viver a

¹ CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *CF 2022 – Texto-base*. Brasília: CNBB: Kindle, 2021. p. 8.



espiritualidade quaresmal”² e de “despertar a solidariedade dos fiéis em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução à luz do Evangelho”³. Por isso, aponta sempre um tema que faz referência a uma “realidade concreta a ser transformada” e um lema que, por sua vez, “explicita em que direção se busca a transformação”, lembrando assim que “o Evangelho possui uma irrenunciável incidência social”⁴.

1.1 Educação e Fraternidade

A Campanha de 2022, pela terceira vez, aborda o tema da Educação e Fraternidade, como o fizera nos anos de 1982 e de 1998⁵. Voltando a atenção para os fundamentos do ato de educar, a CF-2022 traz como lema “Fala com sabedoria, ensina com amor”, referindo-se a Pr 31,26. Esclarece logo no início que entende a educação “não apenas como ato escolar, como transmissão de conteúdos ou preparação técnica para o mundo do trabalho”⁶; mesmo que estes sejam “aspectos importantes, porém não são únicos”⁷, lembrando que educar não é “um ato isolado”⁸, constitui-se “tarefa da própria pessoa, da família, da escola, da Igreja e de toda a sociedade”⁹.

A CF-2022, no primeiro capítulo de seu texto, nos lembra que somos “discípulos da Palavra”¹⁰, com destaque para Jesus, o educador por excelência, partindo do relato da mulher flagrada em adultério. Jesus, com sabedoria e amor, sabe esclarecer a verdade sobre as partes no fato relatado, chegando à consciência das pessoas. Dialoga com a mulher que vê sua dignidade restituída; sem se prender à letra escrita, mas com sabedoria e amor, manifesta a misericórdia e chama a mulher para avançar no caminho da vida e de não pecar mais.

² CNBB, 2021, p. 11.

³ CNBB, 2021, p. 11.

⁴ CNBB, 2021, p. 11.

⁵ A Campanha da Fraternidade de 1982 teve como tema “Educação e Fraternidade” e como lema “A verdade vos libertará”; a de 1998, por sua vez, retomando o tema “Educação e Fraternidade, teve como tema “A serviço da vida e da esperança”.

⁶ CNBB, 2021, p. 9.

⁷ CNBB, 2021, p. 9.

⁸ CNBB, 2021, p. 9.

⁹ CNBB, 2021, p. 9.

¹⁰ CNBB, 2021, p. 13.



A disposição dos escribas estava muito bem delineada: “Pedras na mão, ódio no olhar, ouvidos surdos aos gritos por socorro e corações endurecidos”¹¹. Jesus, porém, como exímio educador, não foge da realidade conflitiva. Enxerga o problema, escuta a mulher, sente o seu pavor e os argumentos dos que querem a sua condenação. Não polemiza. Deixa todos em silêncio. Se curva e escreve no chão... Reergue-se e diz: “Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra” (Jo 8,7). E torna a escrever no chão... Deixa as pessoas entretidas com a sua consciência. Os fariseus e os curiosos acabam por se retirar.

Educação não é adestramento pela letra. Não bastam as tábuas de pedras dos justiceiros do farisaísmo. É preciso ir ao coração, iluminar as consciências, dialogar e sempre respeitar a pessoa, sua dignidade e seu valor, orientando-a na direção de uma vida transformada para que, à luz da verdade, se coloque no caminho reto e avance no caminho da vida com sua humanidade restaurada. “Pai Santo, [...] ensinai-nos a falar com sabedoria e educar com amor!”¹².

A partir deste relato da mulher apanhada em adultério, o texto da CF-2022 leva-nos a um caminho pedagógico sobre o “escutar”, o “discernir” e o “agir”, finalizando com uma preciosa reflexão na linha de um convite: “Fala com sabedoria, ensina com amor”¹³. Estamos diante de um retrato da pedagogia de Jesus, o educador por excelência.

1.2 Escutar

Apontado como fundamental, o escutar é apresentado para além do que apenas ouvir. Para entendermos o sentido, vamos ao texto da CF:

*Escutar está na linha da comunicação, ouvir na linha da informação. Escutar supõe proximidade, sem a qual não é possível um verdadeiro encontro. A escuta permite encontrar o gesto e a palavra oportuna que nos desinstala da sempre e mais tranquila condição de espectador*¹⁴.

Escutar supõe uma pessoa em relação, na abertura ao outro. Como Jesus, instaura-se uma pedagogia que, longe de ser silenciadora, deixa

¹¹ CNBB, 2021, p. 15.

¹² CNBB, 2021, p. 17.

¹³ O que corresponde aos capítulos ou partes 2, 3, 4 e 5 do documento da CF-2022.

¹⁴ CNBB, 2021, p. 20.



a realidade falar, dialoga com as pessoas, coloca-se na escuta dos sinais dos tempos. Trata-se de uma escuta com o ouvido e o coração, ou seja, integral, assim, como a própria salvação é integral. Assume a pessoa no seu todo, em todas as suas dimensões, no concreto da história. Por isso, a educação deve percorrer um itinerário igualmente integral, tão necessário em nossos dias, sobretudo em meio a muitas informações e notícias parciais e até falsas. Neste tempo de pandemia, nos deparamos com este quadro de modo agravado, o que exige vigilância constante e a clareza de uma educação reta e verídica.

Merece destaque a atual proposta integral da educação católica. Após um longo período marcado pelo dualismo e, conseqüentemente, por uma visão negativa do mundo e do humano, investe-se cada vez mais, em nossos dias, numa visão integral do ser humano, segundo a qual a pessoa humana é contemplada em sua integralidade¹⁵. A Congregação para a Educação Católica, desde os anos 1980, orienta para a necessidade de considerar a totalidade da pessoa, “no seu modo de ser, de se manifestar, de se comunicar com os outros, de sentir, de se expressar ou de viver o amor humano”; aponta para “a integração dos elementos biológicos, psico-afetivos, sociais e espirituais”¹⁶.

O esforço pedagógico a ser empreendido é “educar, antes de dar lições, é aprender com as lições cotidianas e com as crises”¹⁷. Fica claro que “o desenvolvimento, para ser autêntico, não deve ser meramente econômico e técnico, mas integral, pois, para nós, conta cada pessoa como um todo”¹⁸. Ao se pronunciar desta forma, o texto da CF-2022 sublinha a necessidade de superar projetos individualistas, mais voltados para a competição e a meritocracia, e investir em projetos de sociedade que tenham a pessoa humana como referência central e a cooperação como o meio para a superação das desigualdades.

As projeções para a pós pandemia apontam para uma nova realidade que traga esperança à medida que tenhamos aprendido as lições dos acontecimentos recentes. Não se trata de um passe de mágica, mas

¹⁵ Cf. AGOSTINI, Nilo. Educação Integral: a herança dualista do cristianismo e a atual proposta católica e laica. *Revista de Educação da ANEC*, Brasília, ano 41, n. 155, p. 70-89, jan./jun. 2018.

¹⁶ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Orientações educativas sobre o amor humano. *L'Osservatore Romano*, Roma, edição em língua portuguesa, 11 dez. 1983, n. 4.

¹⁷ CNBB, 2021, p. 22.

¹⁸ CNBB, 2021, p. 22.



de compreender os nossos próprios limites e identificar as potencialidades, sobretudo quando abertos a aprender em meio às contradições do momento presente.

Pode nos ensinar a converter as relações, os estilos de vida, as expectativas e até as escolhas políticas a fim de que visem o desenvolvimento humano integral que, nas palavras do Evangelho, nada mais é do que a vida em plenitude (Jo 10,10)¹⁹.

Em meio a tantas informações e mesmo *fake news*, é preciso passar “da informação para o conhecimento e do conhecimento para a sabedoria”²⁰. O somatório de informações não resolve quando aprisionado num casulo e revelador de visões reduzidas ou mesmo falsas, reproduzindo uma sociedade desigual ou até aprofundando os contrastes. Trata-se, antes, de trabalhar por uma “cultura do encontro”, tão enfatizada pelo Papa Francisco. Esta não se reduz a apenas ver, mas olhar; não se trata de apenas ouvir, mas escutar; de nada serviria apenas passar ou cruzar com as pessoas, mas deter-se e deixar-se arrebatado pela compaixão, aproximando-se delas, tocando-as, cuidando delas e comunicando vida²¹.

1.3 Discernir para bem agir

Segue-se ao “escutar” a necessidade de uma tomada de posição. Ocorre que entre a escuta e a ação faz-se necessário o discernimento, como auxílio iluminado pela Fé e Tradição cristãs, sempre atento à palavra do Magistério da Igreja e dos valores apresentados pelas normas morais. A referência primeira é sempre Jesus, essência do cristianismo, de quem decorre “um modo de viver, é viver em Cristo, é ação, compromisso e transformação”²².

Este discernimento decorre de uma educação para o humanismo solidário. Inspirado em Jesus, Mestre e Educador, três atitudes lhe são inerentes: anunciar, ensinar e curar. Estas tornam-se visíveis pelo seu testemunho de vida, desdobrando-se no fazer e ensinar. Com isso, mudava as concepções, provocava a autorreflexão, numa conversão de vida. “Buscava, assim, criar condições para despertar nos corações das

¹⁹ CNBB, 2021, p. 24.

²⁰ CNBB, 2021, p. 24.

²¹ Cf. CNBB, 2021, p. 27.

²² CNBB, 2021, p. 49.



peças o desejo de apreender, sobretudo as verdades mais importantes para a vida eterna. [...] Jesus ensinava com autoridade.”²³

O acolhimento das pessoas é envolto de misericórdia, como no encontro com Zaqueu, cuja resposta é sua conversão. Ele liberta e transforma as pessoas. Revela os segredos do Reino de Deus, gerando novas relações humanas, fraternas, atravessadas pelo amor e perdão. Assim firma-se “a pedagogia do amor, do diálogo, da compaixão e do cuidado com a vida”²⁴, como testemunham as discípulas e os discípulos ao darem continuidade à missão do Mestre.

O fim último é sempre a pessoa. A educação é integral. Desde o personalismo francês de Emmanuel Mounier e Jacques Maritain, a proposta do humanismo integral ganha força no âmbito católico e vai sedimentando a visão de que este mundo é “o lugar de uma vida terrestre verdadeiramente e plenamente humana, isto é, cheia de falhas com certeza, mas plena de amor, cujas estruturas sociais tenham por medida a justiça, a dignidade da pessoa humana, o amor fraterno”²⁵. Esta antropologia cristã explica muito o cerne da educação de cunho cristão. Vejamos o que sublinha o texto da CF-2021:

*Por isso, a educação cristã parte da visão positiva e integral do ser humano como ser responsável por si mesmo e pelo mundo, como ser livre, aberto à transcendência e culturalmente situado, marcado pela contradição do pecado, mas orientado a vencê-lo e, eticamente conduzido para a justiça e a fraternidade*²⁶.

As famílias são parte indispensável nesta educação. O Estado ocupa igualmente sua função. Importa que as diversas instâncias colaborem para uma educação das pessoas em todas as suas dimensões. Este educar integral, alimentado pelo diálogo, lança as pessoas em busca do belo, do bem e do verdadeiro, desdobrando a dimensão social, tanto nas relações interpessoais como nas sociopolíticas e alimemente concomitantemente as dimensões corporal e espiritual.

A educação é resultado de um pacto entre a família, a escola e a sociedade em vista de “oferecer os melhores esforços para formar pessoas

²³ CNBB, 2021, p. 51.

²⁴ CNBB, 2021, p. 53.

²⁵ MARITAIN, Jacques. *Humanisme intégral*: problèmes temporels et spirituels d'une nouvelle chrétienté. Aubier: Montaigne, 1968. p. 118.

²⁶ CNBB, 2021, p. 56.



maduras e com responsabilidade na construção do bem comum”²⁷, tendo presente uma ecologia integral²⁸. Nesta responsabilidade compartilhada, encontram-se também os meios de comunicação social, organizações culturais e esportivas e agrupamentos juvenis diversos.

A força do amor desperta nas pessoas o desejo de uma vida nova. Na alegria do Evangelho, o modo de educar de Jesus atrai para o amor e o serviço, traduzindo-os na prática, assim como lemos em At 2,42.43: “Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. Apossava-se de todos o temor, e pelos apóstolos realizavam-se numerosos prodígios e sinais”. Também lemos em Mt 28,20: “Ensinai-os a observar tudo o que vos mandei”. Este envio em missão, traduzido na prática, qualifica o anúncio do Evangelho. Este viver ao sabor do Evangelho é capaz de renovada criatividade no encontro vivo com o Ressuscitado.

Para além dos interesses mercadológicos, do consumo desmedido, da competitividade e de guerras, a educação alicerça uma sociedade sob os fundamentos do respeito da dignidade humana, da paz, dos valores nascidos da fé, como o amor e a fraternidade, alimentando o compromisso em prol do bem comum e do cuidado da criação, nossa casa comum. Para isso, faz-se necessário selar um Pacto Educativo Global, como nos indica o Papa Francisco, tendo como atores principais, a família, a Igreja, a escola e a sociedade. A CNBB, por meio da Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e Educação, unida à ANEC e a CRB, publicou um subsídio acolhendo o apelo do Papa para participar deste Pacto pela Educação²⁹.

Cabe educar para um humanismo solidário, em vista de uma civilização do amor. Isto requer “promover a cultura do diálogo, globalizar a esperança, buscar uma verdadeira inclusão, criar redes de cooperação”³⁰. O Papa Francisco “reconhece a necessidade de unir esforços para formar

²⁷ CNBB, 2021, p. 61.

²⁸ Ecologia integral é aqui referido enquanto termo chave na Encíclica *Laudato Si* (LS) do Papa Francisco. Murad (2017, p. 6) o explica com as seguintes palavras: “A Ecologia Integral abarca: ecologia ambiental, econômica e social (LS 138-142), ecologia cultural (LS 143-146) e ecologia da vida cotidiana (LS 147-155). Relaciona-se com o Bem Comum, clássico princípio da Doutrina Social da Igreja, e a opção preferencial pelos pobres (LS 156-158). Inclui ainda um princípio emergente consensual: a justiça intergeracional, compromisso para com as futuras gerações (LS 159-162)”.

²⁹ Cf. CHESINI, Ir. Cláudia; RESENDE, Pe. Júlio César Evangelista (org.). *A Igreja do Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global*. Orientações gerais. Brasília: ANEC: CRB: CNBB, 2020.

³⁰ CNBB, 2021, p. 75.



“pessoas maduras e com responsabilidade na construção do bem comum”; para isso, ele “se inspira no provérbio da sabedoria africana, que afirma que ‘para educar uma criança é necessária uma aldeia inteira’”³¹. Este nível de educação requer o desenvolvimento ético-crítico, capaz de embasar o ato de educar, cultivando a capacidade crítica, reflexiva e de discernimento.

2 O desenvolvimento ético-crítico

Ao nos convocar para refletirmos sobre os fundamentos do ato de educar e ao definir a educação como realidade a ser transformada, a CF-2022 nos lembra que “educação não é condicionamento ou adestramento”³². Antes, ela “conduz e acompanha a pessoa a sair do não saber rumo à consciência de si mesma e do mundo em que vive”³³, acrescentando que “é tornar a pessoa consciente, para que se torne sempre mais sujeito”³⁴.

Partindo do valor da pessoa como princípio e conduzindo para o caminho reto, o ato de educar orienta a pessoa para transformar a vida à luz da verdade, “comprometendo com novas formas de economia, de política e de progresso verdadeiramente a serviço da vida humana, em especial, dos mais pobres”³⁵.

2.1 De mero expectador a sujeito de transformação

A educação desinstala a pessoa da situação de mero expectador para assumir a escuta atenta, permitindo “acolher, compreender, problematizar e transformar a realidade”³⁶. Rompe com as pedagogias silenciadoras, capta e compreende os gritos e os silêncios que brotam da realidade, numa escuta integral, pois assume a pessoa no seu todo, no concreto de sua história. Faz da escola da vida um aprendizado em meio ao atual momento histórico, com verdadeiras lições que nos fazem

³¹ Cf. CHESINI; RESENDE, 2020, p. 9.

³² CNBB, 2021, p. 16.

³³ CNBB, 2021, p. 16.

³⁴ CNBB, 2021, p. 16.

³⁵ CNBB, 2021, p. 19.

³⁶ CNBB, 2021, p. 19.



“repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e, sobretudo, o sentido da nossa existência”³⁷.

Em meio à desigualdade social, com suas características igualmente culturais, religiosas, econômicas e ambientais, a educação de “sujeitos históricos”³⁸ auxilia a decifrar as estruturas que fazem do atual desenvolvimento um alimentador da pobreza e da desigualdade, o que exige uma reorientação dos rumos. Cooperam para esta educação a escola, a família, a Igreja e a sociedade organizada em seus diversos níveis. Para isso, não bastam informações; é preciso conhecimento e sabedoria para compreender a realidade, seus desafios e contradições, orientando a caminhada para um futuro melhor.

A cultura do encontro, na dinâmica da alteridade, nos faz descer de nossos pedestais, descentrando-nos, para ir ao encontro do outro e construir juntos, no diálogo, uma sociedade feita partilha e comunhão. As diferenças não são um empecilho; antes, nos enriquecem numa valorização da pluralidade e da diversidade, plasmando um novo modo de ser e de viver. É assim o mundo partilhado na alteridade que nos introduz na ética.

É pela dinâmica da alteridade que entramos realmente na ética, porque ela nos faz viver o encontro com o/a outro/a, superando qualquer forma de fechamento em si mesmo. [...] A alteridade nos introduz na ética quando aceitamos o encontro “eu-tu” mediado pelo diálogo franco, aberto, transparente. Supera-se o esconde-esconde das máscaras para mostrar realmente a nossa cara, quem somos, o que pensamos, sem subterfúgios. Dialogar é colocar-se frente a frente, dizer a sua palavra e não ter medo da diferença. Esse encontro com o/a outro/a não é só captação de palavras; é muito mais! É encontro sensível com o/a outro/a, criando espaço para que a pessoa “seja”, “exista”, mesmo no diferente/diverso/distinto que é³⁹.

No texto da CF-2022, lemos que a prática educativa orienta para um “intercâmbio fecundo”, bem como para “a gratuidade que acolhe, a valorização do conteúdo com sabor local, a abertura ao horizonte universal, a superação do narcisismo bairrista, a inclusão dos mais frágeis

³⁷ CNBB, 2021, p. 22.

³⁸ LINHARES, Célia Frazão. Sujeitos históricos: seus Lugares na Escola e na Formação de Professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 77, n. 185, p. 136-168, jan/abr. 1996.

³⁹ AGOSTINI, Nilo. *Ética: diálogo e compromisso*. São Paulo: FTD, 2010. p. 89.



e dos pobres”⁴⁰. Abre-se, assim, o espaço para o diálogo social que cultiva a amizade social, numa cidadania aberta, construtiva, visando sempre o bem comum e, por isso, inclusiva, consciente da necessidade de mudanças.

Necessitamos de educadores capacitados. Para isso, cabe investir na sua formação contínua, “apoiando-os no seu desenvolvimento pessoal, cognitivo, emocional e profissional, que são alguns dos objetivos de uma educação cristã, integral, integradora e transformadora”⁴¹. Busque como horizonte uma sociedade justa, inclusiva e fraterna, num claro comprometimento “com a ética, o desenvolvimento sustentável, a inovação e a justiça social”⁴². Diante das situações de exclusão e de discriminação, a missão da educação formal e não formal é a de desempenhar um testemunho profético, ser ousada e aberta, pautada na cultura do encontro que inclui o cuidado de toda a criação, a casa comum. “Nota-se uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está a acontecer ao nosso planeta”⁴³.

2.2 O caminho ético-crítico

Ao investir na formação integral da pessoa, a educação investe transversalmente no referencial ético, tendo por base o cultivo integral da pessoa nas suas dimensões básicas (somático-corporal, psico-afetiva, sociopolítica e espiritual), traduzindo-as no cuidado de si, respeito dos outros, equilíbrio da casa comum e cultivo da transcendência. No cultivo destes referenciais, vai se tecendo o *ethos*, um modo próprio de ser e de viver, um enraizamento, uma identidade do ser humano que gera evidências primitivas, de raiz, compatíveis e necessárias à natureza humana, coligada a toda a criação. “Os costumes, as normas morais, a ordem positiva do direito têm uma ligação estreita (fontal) com esse *ethos*. São explicados por ele. A própria cultura [...] adquire sua identidade do *ethos*”⁴⁴.

⁴⁰ CNBB, 2021, p. 31.

⁴¹ CNBB, 2021, p. 37.

⁴² CNBB, 2021, p. 41.

⁴³ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 19.

⁴⁴ QUELQUEJEU, Bernard. *Ethos historiques et normes éthiques*. In: LAURET, Bernard; REFOULÉ, François (org.). *Initiation à la pratique de la théologie*. Paris: Cerf, 1983. p. 76.



A partir do *ethos*, são forjados os elementos implícitos e explícitos do viver humano, quer na linha das evidências primitivas não verbalizadas, quer na linha das normas sociais, da moral e do próprio direito. Na arquitetura da vida humana, quer pessoal, quer social e ecológica, faz-se necessário o cultivo da ética que perpassa todos os âmbitos da vida.

Investir no desenvolvimento da capacidade ética do ser humano representa investir na sua capacidade crítica, reflexiva e de discernimento, sendo este capaz de interpretar, enquanto sujeito ético-crítico, sua própria existência nas circunstâncias históricas em que vive. Disto resulta que o ato de educar necessita ser todo atravessado pela ética, enquanto forma sujeitos éticos, lastreados na liberdade, na autonomia e na responsabilidade⁴⁵.

Desenvolver a capacidade ética é investir na capacidade crítica, reflexiva e de discernimento do ser humano para que ele possa interpretar sua existência na realidade história em que vive. Falamos, então, de um sujeito ético-crítico, tendo por base a liberdade, a autonomia e a responsabilidade. Pelo caminho da ética, o ato de educar lança as bases para emancipação e a autonomia dos sujeitos; educa para a solidariedade, para a defesa da vida, sobretudo lá onde a dominação e a brutalidade a ceifam e/ou a oprimem.

Os processos de ensino/aprendizagem, ao serem sustentados pela transversalidade da ética, garantem o respeito da dignidade humana, tecem e solidificam os laços comunitários e sociais, embasados sempre pelo senso de responsabilidade, solidariedade, justiça e paz.

Ética e educação agem como polos concêntricos, fazendo com que a ética esteja presente no currículo e em todo o ensino e aprendizagem. Há entre eles uma relação de pertinência inclusiva. Sendo fundamental para a formação do sujeito, a ética é compreendida como presença transversal em todo o processo de uma educação crítico-libertadora. Garante o cultivo integral do humano em suas diversas dimensões, superando movimentos fragmentados ou miniaturizados no processo de personificação e de construção social, apontando igualmente para os deslizes quer da dispersão das ciências quer de uma preparação puramente técnica e funcional⁴⁶.

⁴⁵ AGOSTINI, Nilo; SILVA, Luzia B. O.; SILVEIRA, Carlos Roberto. Educação e Ética: O desafio de formar sujeitos éticos. In: II CONGRESO LATINOAMERICANO POR LA PAZ, 2017, Lima. *Memorias: Grupos de Trabajo*. Lima: Centro de Investigación Jurídica Essentia Iuris, 2017. v. 1. p. 200.

⁴⁶ AGOSTINI; SILVA; SILVEIRA, 2017, p. 200.



Esta compreensão coloca em evidência a ética como tarefa fundamental da educação⁴⁷. Hoje, a discussão ética ressurgue com força no tocando ao papel a ser exercido pelo ser humano na sociedade e na sua interligação com os seres do planeta, a nossa casa comum, bem como no tocante ao uso das biotecnologias. Alarga-se a necessidade da ética em meio à ambiguidade da globalização e, especialmente, no tocante ao mundo da educação.

Cuidemos para que a ética não seja um mero “jogo de palavras, de retóricas argumentativas para legitimar o mesmo poder que oprime, que aliena, que exclui, que mata”⁴⁸. Neste caso, estaríamos diante de éticas omissas, silenciosas e silenciadoras. Segundo lembra Emmanuel Lévinas em sua obra *Totalidade e Infinito*, a ética, quando aliada ao poder, é uma ética da tirania, do totalitarismo e da injustiça⁴⁹.

No *Dicionário Paulo Freire*, encontramos um verbete elucidador sobre a educação como processo ético. Vejamos:

A educação é, em sua essência, um processo ético antes de ser consciência crítica, engajamento político e ação transformadora. Ou a educação é ética e respeitosa com a alteridade do outro em sua singularidade, ou não é educação. É este respeito à alteridade do outro a exigência ética de todo o pensamento de Freire. Toda a eticidade da existência humana se dá no reconhecimento da alteridade, da sua dignidade de pessoa e na luta por justiça social. Sem este respeito e reconhecimento do outro não podemos entrar no diálogo libertador. Seguindo o legado ético-pedagógico de Freire, podemos concluir dizendo que o resgate da dignidade do outro, da sua alteridade é condição primeira para a edificação de um projeto mundo/sociedade “em que seja menos difícil de amar”⁵⁰.

A construção de um currículo necessita desta transversalidade da ética, valorizando a dimensão axiológica que nos reenvia para a práxis. O processo que se estabelece é de conscientização, que, na compreensão

⁴⁷ Cf. AGOSTINI, N. A ética como tarefa fundamental da educação. In: SANTOS, Ivonaldo (org.). *Discurso e ensino: olhares interdisciplinares*. Porto Alegre: Fi, 2017. p. 129-148.

⁴⁸ ALMEIDA, Jorge Miranda de. A educação como ética e a ética como educação em Kierkegaard e Paulo Freire. *Revista da FAEEBA, Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 39, jan./jun., 2013, p. 106.

⁴⁹ Cf. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*: ensaio sobre a exterioridade. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

⁵⁰ TROMBETA, Sérgio. Alteridade. In: REDIN, Euclides; STRECK, Danilo; ZITKOSKI, Jaime Jose. *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 35.



de Paulo Freire, desdobra a capacidade de “agir conscientemente sobre a realidade objetivada”⁵¹, ato que funda a práxis humana, ou seja, “a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo”⁵². Freire sublinha “a responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente”, numa “perspectiva universal do ser humano”, não “a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro”, sendo “a ética inseparável da prática educativa”⁵³.

A exigência ética encontra um cenário, em nossos dias, que urge a sua revitalização, ora porque aponta-se para o “déficit de ética”⁵⁴, ora porque não basta a aquisição de habilidades e competências. Importa investir na ética, residindo aí a tarefa fundamental da educação, como afirmado.

Palavras conclusivas

A formação moral necessita do embasamento ético, enquanto fruto de uma formação humana integral. Trata-se de uma estratégia de desenvolvimento integral da pessoa ao considerá-la em sua condição multidimensional. Para isso, não basta acumular informações, nem reduzir a educação a uma visão meramente mecanicista na linha de uma formação técnica. Fruto disso, há quem aposte na aquisição de habilidades e competências e no acúmulo do conhecimento puramente científico; mesmo que tenha a sua relevância, isto não basta. Quer ser um bom gestor? Cultive o seu ser integral; saiba integrar e sintetizar seu ser social, emocional, espiritual e racional. Isso significa atuar com todos estes aspectos com equilíbrio. Cabe agir “com a alma, o coração e a razão totalmente integrados em nossa vida pessoal, profissional e comunitária”⁵⁵.

A compreensão de fundo é a de um ser humano “uno em corpo e alma”, o que aponta para uma “integridade corpóreo-espiritual”⁵⁶. O

⁵¹ FREIRE, Paulo. *Conscientização*. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008. p. 29.

⁵² FREIRE, 2008, p. 30.

⁵³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 17-18.

⁵⁴ SANGALLI, Idalgo José. Considerações sobre a ética na educação. In: KUIAVA, Evaldo A.; PAVIANI, Jayme. *Educação, ética e epistemologia*. I Congresso Internacional: Filosofia, Educação e Cultura – 2004. Caxias do Sul: Educus, 2005, p. 191.

⁵⁵ Cf. CATANANTE, Bene. *Gestão do ser integral: Como integrar alma, coração e razão no trabalho e na vida*. 3. ed. São Paulo: Infinito, 2000. p. 43.

⁵⁶ DE LA PEÑA. Juan Luis Ruiz. *Criação, graça, salvação*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 40.



sentir, aqui, é unitário; compreendemos a pessoa como um espírito corpóreo ou um corpo espiritual; portanto, sem dicotomias ou dualismos. Resulta disso que só pode haver “uma educação que leve em conta a totalidade da pessoa”⁵⁷, o que requer uma formação integradora das dimensões biológicas, psicoafetivas, sociais e espirituais.

Cabe sempre buscar “a formação integral das pessoas e de todas as pessoas”⁵⁸, à medida que se vai desenvolvendo “o sentido do verdadeiro, o sentido do bem e o sentido do belo”⁵⁹. “Educar para o belo, que sempre está unido ao verdadeiro e ao bom, é educar para a capacidade que o ser humano tem de superar as estreitezas que sufocam a existência e de abrir-se para a plenitude da vida”⁶⁰. Neste itinerário educativo, inclui-se a sabedoria religiosa, a ligação com Deus, numa abertura à experiência mística que não significa fuga do mundo. Assim, estaremos aptos a falar om sabedoria e a ensinar com amor, numa transbordar do que nos habita.

Mais do que propiciar treinamentos, a educação humanizada educa para um projeto de vida, num compromisso com a ética, aberta aos valores que brotam da fé, comprometida com o bem comum e com a transformação da sociedade. A formação puramente técnica ou com a finalidade de atender a interesses de mercado costuma deixar um hiato muito grande na formação integral das pessoas. Não é suficiente formar para aquisição de habilidades e competências. Cai-se facilmente num conhecimento fragmentado, deslizando para a absolutização de um saber relativo e na “miniaturizada do processo de personificação”⁶¹.

A estratégia fundamental, qual núcleo irradiador da tarefa educativa, é investir numa educação integral, tendo em conta a indispensável relação entre fraternidade e educação, como propõe o tema da CF-2022, e educando com sabedoria e amor, segundo o lema a mesma Campanha.

⁵⁷ AGOSTINI, Nilo. *Teologia Moral: O que você precisa viver e saber*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 183.

⁵⁸ CNBB, 2021, p. 68.

⁵⁹ PAPA FRANCISCO. *In: CNBB, 2021, p. 68.*

⁶⁰ CNBB, 2021, p. 68.

⁶¹ LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo, Apresentação e tradução de Juremir Machado da Silva*. Lisboa: Relógio D'Água Editorial, 1983. p. 13.



Referências

- AGOSTINI, Nilo. Educação Integral: a herança dualista do cristianismo e a atual proposta católica e laica. *Revista de Educação da ANEC*, Brasília, ano 41, n. 155, p. 70-89, jan./jun. 2018.
- AGOSTINI, N. A ética como tarefa fundamental da educação. In: SANTOS, Iveraldo (org.). *Discurso e ensino: olhares interdisciplinares*. Porto Alegre: Fi, 2017. p. 129-148.
- AGOSTINI, Nilo. *Ética: diálogo e compromisso*. São Paulo: FTD, 2010.
- AGOSTINI, Nilo. *Teologia Moral: O que você precisa viver e saber*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- AGOSTINI, Nilo; SILVA, Luzia B. O.; SILVEIRA, Carlos Roberto. Educação e Ética: O desafio de formar sujeitos éticos. In: II CONGRESSO LATINOAMERICANO POR LA PAZ, 2017, Lima. *Memorias: Grupos de Trabajo*. v. 1. Lima: Centro de Investigación Jurídica Essentia Iuris, 2017. p. 199-212.
- ALMEIDA, Jorge Miranda de. A educação como ética e a ética como educação em Kierkegaard e Paulo Freire. *Revista da FAEEBA*, Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 39, p. 105-116, jan./jun. 2013.
- CATANANTE, Bene. *Gestão do ser integral*. Como integrar alma, coração e razão no trabalho e na vida. 3. ed. São Paulo: Infinito, 2000.
- CHESINI, Ir. Cláudia; RESENDE, Pe. Júlio César Evangelista (org.). *A Igreja do Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global*. Orientações gerais. Brasília: ANEC: CRB: CNBB, 2020.
- CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *CF 2022 – Texto-base*. Brasília: CNBB: Kindle, 2021.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Orientações educativas sobre o amor humano. *L'Osservatore Romano*, Roma, edição em língua portuguesa, 11 dez. 1983.
- DE LA PEÑA. Juan Luis Ruiz. *Criação, graça, salvação*. São Paulo: Loyola, 1998.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.



FREIRE, Paulo. *Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000.

LINHARES, Célia Frazão. Sujeitos históricos: seus Lugares na Escola e na Formação de Professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 77, n. 185, p. 136-168, jan/abr. 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Apresentação e tradução de Juremir Machado da Silva. Lisboa: Relógio D'Água Editorial, 1983.

MARITAIN, Jacques. *Humanisme intégral: problèmes temporels et spirituels d'une nouvelle chrétienté*. Aubier: Montaigne, 1968.

MURAD, A. Laudato Si e a Ecologia Integral. *Revista Ecoteologia*, n. 2, p. 5-12, Brasília: REPAM, 2017.

QUELQUEJEU, Bernard. Ethos historiques et normes éthiques. In: LAURET, Bernard; REFOULÉ, François (org.). *Initiation à la pratique de la théologie*. Paris: Cerf, 1983. p. 71-91.

SANGALLI, Idalgo José. Considerações sobre a ética na educação. In: KUIAVA, Evaldo A.; PAVIANI, Jayme. *Educação, ética e epistemologia*. I Congresso Internacional: Filosofia, Educação e Cultura – 2004. Caxias do Sul: Educus, 2005. p. 191-203.

TROMBETA, Sérgio. Alteridade. In: REDIN, Euclides; STRECK, Danilo; ZITKOSKI, Jaime Jose. *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 34-36.